

Versão Oficial – Jackson do Pandeiro
EF78
ESTÚDIO F - programa número 78

ÁUDIO

TEXTO

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César : - Alô, amigos! No programa de hoje, um artista considerado pela crítica como um dos melhores ritmistas da história da música popular brasileira. Auxiliado por seu inseparável pandeiro, esse cara colecionou sucessos que refletem a influência negra na música nordestina. Além de ser um exímio instrumentista, era também dono de um recurso vocal único, conseguindo dividir a melodia de um jeito todo especial.

Entra “Sebastiana” fica brevemente e cai em BG.

Paulo César: - Com vocês, sua majestade o Rei do Ritmo! Jackson do Pandeiro agita o salão do Estúdio F. Quem quiser pode dançar!

Sobe som e rola inteira

Paulo César: - “Sebastiana” foi o primeiro grande sucesso de José Gomes Filho, paraibano nascido na cidade de Alagoa Grande em 31 de agosto de 1919 que, anos mais tarde, viria a ser Jackson do Pandeiro. Seu pai, José Gomes, não exercia atividade ligada à música. Era Oleiro. Mas sua mãe, Flora Mourão, era uma folclorista pastoril especialmente talentosa. Com seus alegres cocos, animava o marido na dura jornada de moldar tijolos e também o pequeno filho, que aprendeu direitinho as lições maternas. Levou para o seu trabalho o ritmo do coco, divulgando-o nacionalmente em músicas como “Coco do Norte”.

Entra “Coco do Norte” e rola inteira.

Paulo César: - A mãe de Jackson, Dona Flora, era realmente especial. Foi ela quem apelidou o filho de Jack por achá-lo semelhante ao ator norte-americano Jack Perry, astro do western nos anos 30. Foi ela também quem deu o pontapé inicial na carreira do filho, colocando-o para acompanhá-la em suas apresentações. Jackson começou tocando zabumba, mas já naquela época, fazia sucesso quando assumia o pandeiro. E foi com o pandeiro na mão, que ele viajou em busca do sucesso. Afinal, se era em Campina Grande e João Pessoa que tinha mulher sobrando e bom sanfoneiro, o negócio era ir pra lá, mostrando vontade de participar.

Entra “Eu Vou Pra Lá” e rola inteira.

Paulo César: - A busca pelo sucesso fez com que Jackson do Pandeiro fosse tentar a sorte na capital pernambucana. No início da década de 50, já em Recife, começou a se apresentar na Rádio Jornal do Comércio no programa Clube da Colher. Inicialmente, interpretava apenas sambas. Os cocos, as emboladas e os frevos ficavam restritos aos encontros com os amigos no bar de Lauria, perto do prédio da emissora. Mas Jackson sabia que sua forma diferente de cantar não podia ficar limitada ao samba, pois seus recursos vocais eram adaptáveis a outros gêneros. Então, aos poucos, ele procurou se libertar do rótulo de sambista. Montou um repertório com outros ritmos que iriam fazer parte de suas primeiras gravações que aconteceram em 1953. Nesse ano, Jackson estreou em disco com o coco “Sebastiana”, de Rosil Cavalcanti e o rojão “Forró do Limoeiro”, de Edgar Ferreira.

Entra “Forró do Limoeiro” e rola inteira.

Paulo César: - Em Recife, Jackson conheceu grandes nomes da música nacional e travou amizade com músicos iniciantes e outros já famosos pelo talento, como Adelaide Chiozzo e Sivuca. Também na capital pernambucana conheceu a professora, radioatriz e rumbeira Almira Castilho. Natural de Olinda, Almira foi parceira, amiga, amante e empresária de Jackson por doze anos. Juntos protagonizaram uma carreira meteórica durante a qual realizaram shows pelo interior nordestino, antes de partirem para o Rio de Janeiro. Já na então capital federal, a dupla conseguiu conquistar definitivamente o restante do país por meio de encenações carregadas de humor. A falta de água, por exemplo, inspirou Almira na composição da divertida “Tililingo”.

Entra “Tililingo” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Jackson vai para o Rio de Janeiro e vira sucesso nacional.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Tililingo”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Devido a excelente aceitação do público e da crítica na sua primeira ida ao Rio de Janeiro, Jackson decide, em 55, se mudar definitivamente para a Cidade Maravilhosa com a esposa Almira. Compram um apartamento no bairro da Glória e de lá comandam as negociações com a Record Paulista, emissora interessada em ter a dupla tanto na rádio como na TV às sextas, sábados e domingos. O contrato chega num excelente momento, exatamente quando a gravadora Copacabana lança o primeiro LP de Jackson no mercado, reunindo composições já gravadas anteriormente em 78 rotações. Embalado por sucessos como “UM a UM”, o artista, assim como já havia feito Gonzagão, começa a transformar o rumo da música nordestina, levando-a para o eixo central da indústria cultural brasileira.

Entra “Um a Um” e rola inteira.

Paulo César: - Com projeção nacional, durante a década de 50, Jackson e Almira tornam-se também atores em filmes populares como "Minha sogra é da polícia", "Cala boca Etevilna", "Tira a mão daí" e "Batedor de carteiras". Nesse filmes, dividem a cena com artistas como Ângela Maria, Virgínia Lane, Linda e Dircinha Batista. Além do cinema, continuam lançando LPs que coroam o sucesso da dupla dentro da música popular brasileira. Um dos seus maiores hits foi o samba "Chiclete com Banana" que demonstra uma visão cosmopolita da música brasileira. Com uma letra de concepção antropofágica, os autores Jackson e Gordurinha saem em defesa da música nacional, querendo ver o Tio Sam de frigideira, numa batucada brasileira.

Entra "Chiclete com Banana" e rola inteira.

Paulo César: - Músicas gravadas por Jackson do Pandeiro tornam-se sucessos nas AMs de todo Brasil. Entre elas, o arrasta-pé "Casaca de Couro"; o chamego "Forró na gafeira"; o baião "A cantiga do sapo" e os cocos "O Falso Toureiro" e "Cajueiro". Nessa mesma época, cria com Gordurinha – seu parceiro em "Chiclete com Banana" - outro clássico de seu repertório e também do cancionário popular: o samba-coco "Meu enxoval".

Entra "Meu enxoval" e rola inteira.

Paulo César: - Um encontro musical importante na carreira de Jackson foi com o compositor maranhense, João do Vale. Juntos compuseram “Rojão de Brasília”, música no melhor estilo baião de viola, em homenagem a então recém nascida capital federal. Mas a aproximação entre os dois aconteceu cinco anos antes, quando Jackson gravou o batuque “O Canto da Ema”, parceria do autor de “Carcará” com Alventino Cavalcante e Ayres Viana.

Entra “O Canto da Ema” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Jackson fica um tempo esquecido, mas volta à cena pela mão de novos artistas.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “O Canto da Ema”, rapidamente cai em BG (bem baixinho mesmo) e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Apesar de ter em seu repertório bailes, pagodes, sambas e forrós repletos de erotismo com um toque de malícia, Jackson e seus parceiros evitavam o duplo sentido e qualquer tipo de apelação. Entre as dezenas de letras que recebia para musicar, o artista paraibano recusou várias justamente porque enveredavam pelo caminho do trocadilho fácil. O mais próximo do forró de duplo sentido que Jackson gravou foi “Mulher Malvada”, composição de Wilson Moux e Durval Vieira que diz: “um dia ela com raiva de mim/ vendeu meu canarinho de pena amarela/ vendeu meu papagaio que é tão falador/ pois lá em casa só ficou/ o periquito dela”.

Entra “Mulher Malvada” e rola inteira.

Paulo César: - No final dos anos 60, a dupla Jackson e Almira vai perdendo espaço na mídia, principalmente, devido ao fenômeno da Jovem Guarda. Em decorrência de desavenças amorosas, a relação dos dois é rompida em 67. Vale lembrar que a dupla era acompanhada pelo trio Borborema que, depois da separação, continuou acompanhando Jackson em músicas como 17 na corrente.

Entra “17 na corrente” e rola inteira.

Paulo César: - Nos anos seguintes a separação de Almira, Jackson caiu numa espécie de ostracismo artístico, fruto do fim do relacionamento e, principalmente, das mudanças no mercado fonográfico nacional com o advento da Jovem Guarda. Mas os tropicalistas resgataram seu trabalho em regravações antológicas. Gilberto Gil incluiu "Chiclete com Banana" no álbum "Expresso 222" e "Sebastiana" ganhou uma nova interpretação na voz de Gal. Em 1972, Jackson volta então com força total e, com Alceu Valença, defende o coco-elétrico "Papagaio do Futuro" no Festival Internacional da Canção. Um público jovem de classe média universitária começa a se interessar por sua música, redescobrendo sucessos como "A Mulher do Aníbal".

Entra "A Mulher do Aníbal" e rola inteira.

Paulo César: - Em 1978, Jackson do Pandeiro foi um dos grandes nomes do primeiro ano do Projeto Pixinguinha, repetindo a dose em 1980. Desde os tempos áureos de sua carreira, o artista não experimentava uma fase de tanto prestígio junto ao público. Em suas andanças pelo Brasil, sentiu-se revigorado graças à receptividade da nova geração. Suspendeu as idéias de aposentadoria que lhe passavam pela cabeça, mas seus planos de retomada foram interrompidos em 10 de julho de 1982, quando veio a falecer. Ao público restou a saudade, mas a arte de Jackson até hoje continua a influenciar artistas e movimentos. De Alceu ao manguebeat, do tropicalismo a Gabriel - O Pensador, de Genival Lacerda a Lenine. Já que sou brasileiro, viva Jackson do Pandeiro!

Entra "Jack Soul Brasileiro" e rola inteira.

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

Paulo César: - O programa de hoje foi roteirizado pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e nas Rádios Nacional de Brasília e da Amazônia, emissoras EBC - Empresa Brasil de Comunicações. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br. Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é: Praça Mauá número 7 - 21 andar, Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240

Se quiser mandar um e-mail, anota aí:

estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA

